

Editorial

Convidado a escrever o editorial do presente número da *Salutis Scientia*, o que muito me honra, escolho refletir sobre um tema recorrente aquando das avaliações de ciclos de estudo, mas não apenas, que interseta o âmbito desta revista.

Dispõe o Decreto-Lei nº 65/2018, de 16 de agosto (não deixa de ser curiosa a época do ano em que são sistematicamente publicados vários diplomas legais estruturantes para o ensino superior!), a propósito da constituição do corpo docente afeto a licenciaturas, mestrados e doutoramentos, que deve este mesmo corpo docente incluir, em percentagens que dependem do grau académico em causa, doutores especializados na área ou áreas fundamentais do ciclo de estudos. Até aqui, nada se me afigura estranho. Pelo contrário, considero razoável a exigência vertida na lei.

O que me deixa estupefacto é a visão profundamente redutora, intelectualmente insustentável e cientificamente anquilosada de quem, por vezes, tendo que avaliar os cursos, não se coíbe de considerar que área fundamental dos mesmos é aquela que decorre literalmente do nome do curso.

Vejamos um exemplo: pretender que para efeitos de avaliação de cursos de enfermagem apenas são considerados como especializados os doutorados em enfermagem é não compreender verdadeiramente nem a ciência nem o ensino superior. Já lá vamos.

Para já, permito-me apenas questionar se é aceitável que um doutoramento em Saúde Pública ou Epidemiologia, por exemplo, possa ser considerado como fora das áreas fundamentais inerentes ao objeto da licenciatura ou mestrados em Enfermagem. E um doutoramento em Bioética? E um doutoramento em Psicologia, em que medida pode deixar de ser considerado basilar para um enfermeiro de Saúde Mental ou de Saúde Infantil e Pediatria?

Mas podemos alargar a reflexão para outras áreas da Saúde: um doutoramento em Biomecânica ou Neurociências não é estruturante para um fisioterapeuta? Se sim, em que base pode, eventualmente, o titular desta formação deixar de ser considerado especializado enquanto doutorado e fisioterapeuta?

Como dizia acima, não posso excluir a possibilidade de algumas pessoas que integram os painéis de avaliação não estarem imbuídas da filosofia e da cultura subjacente ao processo científico. Não perceberem que fazer ciência é ter, em primeiro lugar, um espírito de abertura, de questionamento e de procura constante que, não raras vezes, nos projeta para caminhos que nos levam para além do cantinho estreito de onde julgamos prosaicamente ver o mundo todo. Fazer ciência é, inevitavelmente, cruzarmo-nos com outros campos de saber e sentirmos a necessidade de fazer pontes para outros territórios. Por vezes – felizmente! – de por eles fazermos caminho. Não sentir isto só pode ser reflexo da incapacidade de questionar e de uma cultura a precisar de voos mais arrojados.

Também é verdade, como escreveu Camus, que “*Quand on n’a pas de caractère, il faut bien se*

donner une méthode". Ora, ficar-se pela leitura literal da lei em vez de interpretar com sabedoria e cultura o princípio que enforma a mesma (e que há que respeitar) é, de facto, caminhar bem agarrado ao corrimãozinho do método.

Eu, que faço ciência e a considero uma atividade humana fundamental e excitante, também preciso do método. Muito, aliás. Faço é por pô-lo ao meu serviço, e por nunca deixar que se transforme numa baia.

10 anos de *Salutis Scientia* é um marco muito importante para a revista e para a Escola. A *Salutis Scientia* tem vários objetivos, todos eles importantes. Há um, porém, que me parece fundamental: promover junto dos estudantes o interesse pela partilha de conhecimento e confrontá-los com os mecanismos inerentes a todo o processo. Sob esse ponto de vista, tem um valor pedagógico insubstituível.

Reiterando o compromisso de continuarmos, institucionalmente, a apoiar a *Salutis*, quero agradecer a todos aqueles que ao longo de 10 anos contribuíram para a revista. Aqui se incluem, também, todos aqueles que publicaram os seus trabalhos e os que generosamente disponibilizaram parte do seu tempo na revisão de centenas de artigos.

Em particular, é devido um agradecimento especial aos editores e pessoas diretamente responsáveis pela publicação, número após número, desta revista que é uma marca da ESSCVP. Bem hajam.

Luís Janeiro¹

¹ Escola Superior de Saúde da Cruz Vermelha Portuguesa, Presidente do Conselho de Direção, 1350-125, Lisboa, Portugal, Av. Ceuta, Edifício Urbiceuta, Piso 6, **Email:** ljaneiro@esscvp.eu.
